

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, SOCIOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A EVASÃO NO IFRO *CAMPUS* CALAMA EM PORTO VELHO/RO¹

Luciana Semeão da Silva²

Resumo:

Este trabalho apresenta um breve olhar sobre a evasão escolar no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – IFRO *Campus* Porto Velho Calama e junto a estas observações apresentamos o conceito de Análise do Discurso e a Educação brasileira.

Palavras-chave: Educação. Evasão escolar. IFRO. *Campus* Calama.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo faz um breve apanhado de fundamentos filosóficos, sociológicos e antropológicos da educação, a análise do discurso e a educação brasileira, bem como uma breve explanação sobre a evasão escolar no IFRO *Campus* Calama, localizado em Porto Velho/RO. Sabe-se que a questão da evasão escolar tem sido constantemente discutida pelo meio acadêmico e por órgãos governamentais. Porém, políticas públicas voltadas ao combate do abandono escolar nem sempre obtém êxito, talvez porque as causas para tal problemática não foram corretamente analisadas. Portanto, o objetivo deste trabalho é trazer uma breve revisão de literatura com trabalhos relevantes sobre o tema.

¹ Trabalho Final apresentado como requisito avaliativo da Disciplina “Fundamentos Antropológicos, Filosóficos e Sociológicos da Educação” do Mestrado Profissional em Educação Escolar (MEPE) da Fundação Universidade Federal de Rondônia – *Campus* José Ribeiro Filho. Dezembro de 2017.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado Profissional; Assistente de aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRO, *Campus* Porto Velho Calama de Porto Velho/RO. E-mail: luciana.silva@ifro.edu.br

2. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, SOCIOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

O texto Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos, de Saviani (2007), trata do trabalho e ainda da relação do trabalho com a Educação. É citado ao longo do texto que o homem se diferencia dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material.

Mais adiante, o autor comenta que a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade.

Na sequência, Saviani (2007) afirma, a respeito do questionamento da separação e tentativas de restabelecimento do vínculo entre trabalho e educação, que a relação do trabalho-educação irá sofrer uma nova determinação com o surgimento do modo de produção capitalista. Assim, o papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho. E é aí que entra a questão da evasão escolar. Como fazer com que o aluno permaneça e conclua seu curso nos Institutos Federais?

Sabe-se que os Institutos Federais objetivam formar politécnicos e não técnicos especializados (como nos cursos profissionalizantes) mas muitos alunos abandonam o curso na metade do caminho... Pode-se dizer que os Institutos Federais almejam sempre mesclar a formação intelectual e trabalho produtivo e por isso a procura por cursos técnicos oferecidos pelos Institutos Federais tem aumentado significativamente. Muitos alunos já saem de seus cursos muitas vezes com suas “carteiras assinadas”, pois as empresas contratantes buscam profissionais cada vez mais qualificados e os Institutos Federais tem sido referência no sentido de oferecer esse tipo de “mão de obra qualificada”.

No texto “Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje”, tecido por Frigotto (2006), fala-se que Marx aponta as contradições entre trabalho e educação.

Argumenta-se que “o trabalho, a ciência, a técnica e a tecnologia sob o capitalismo deixam de ter centralidade como produtores de valores de uso para os trabalhadores e se transformam em meios de produzir alienação e a ampliação do capital dos proprietários privados dos meios e instrumentos de produção. Assim, Marx *apud* Frigotto (2006, p. 254) ressalta que é a tecnologia, e não a natureza, que tem importância fundamental, e segundo ele “o homem nasce de sua própria atividade vital, objeto de sua vontade e de sua consciência”, o que influencia o processo de construção do conhecimento. O texto fala ainda do parco conhecimento em ciência e tecnologia no Brasil, o que nos lembra os Institutos Federais e sua importância no país. Os cursos oferecidos tiram jovens das ruas e lhes dão ensino de qualidade e inserção no mercado de trabalho. Porém, o alto índice de evasão escolar tem preocupado. O que fazer? Ironicamente, o texto, segundo Frigotto (2006, p. 264) trás a informação que “o Brasil é o país econômica e politicamente mais importante da América Latina e o único em que o ensino médio não é obrigatório”. Fala-se em ‘educação politécnica’ como sendo a necessidade de formação de trabalhadores com maior base dos princípios científicos, mas não se dá o devido valor à educação, a qual “nunca foi algo de fundamental no Brasil”.

O texto “Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo em tempos pós” possui uma dimensão ética. Trata de valores, de como a escola ou alunos veem esses valores. Fala inclusive sobre valores de formação. O autor argumenta que “produzir conhecimentos é operar no universo de significados, é atribuir sentidos aos fenômenos naturais e sociais”. Mais tarde, o autor comenta que “os significados são função de posições específicas de poder e promovem posições particulares de poder” (GABRIEL *apud* MOREIRA e CANDAU, 2008, p. 227).

Fala-se ainda sobre a questão da linguagem, de modo a trazê-la para o “centro da cena”. Ela é tida como um “instrumento de pensar”, “arma de luta” (CORAZZA, 2000). É também um elemento incontornável; Chama a atenção a seguinte frase contida no texto: “se a linguagem não cria mundos, sem dúvida, ela cria sentidos para os mundos; um “óculos para ver e uma língua para dizer as coisas e as palavras da educação, da pedagogia, do currículo” (CORAZZA, 2000).

Mais à frente, o texto fala sobre o oprimido, mais especificamente sobre sua condição e que tal condição deve ser “falada, lida narrada, vivida, no plural”. Aqui entra a questão da evasão escolar, mais uma vez. O aluno, que por ora é tido como oprimido, terá direito à voz no projeto proposto por esta mestranda.

No texto “A educação como mediação da existência histórica”, em dado momento, Antônio Joaquim Severino (2001, p.70) enfatiza que “a educação é efetivamente uma prática cujo instrumental é formado por instrumentos simbólicos de trabalho e de ação e que por isso é tão importante o papel conscientizador da educação”. Assim, continua dizendo o autor que “a prática educacional é também uma preparação para o mundo do trabalho e da sociabilidade”. Para Severino (2001, p.70), é através da prática que se educa e aprende; daí a importância de estágios formais na formação de profissionais. Os Institutos Federais oferecem tudo isso aos seus alunos. Mas muito não conseguem concluir seu curso. Qual é o “gargalo”? Mais especificamente, onde o Instituto Federal de Rondônia – *Campus Calama* está pecando, tendo em vista um número tão alto de evasão escolar nos seus cursos? Essa é a proposta da pesquisa-ação formulada, a qual muito intriga esta mestranda; tal temática será estudada durante este tempo de Mestrado e será oferecido à Comunidade um produto proveniente desse estudo.

3. A ANÁLISE DO DISCURSO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A Análise do Discurso, doravante AD, tem como objeto o próprio discurso, e, para nos referirmos a ele temos que considerar elementos que tem existência no social, as ideologias, e a história. O discurso, ao ser enunciado, produz sentido e, por isso, deve ser observada a formação discursiva e ideológica, para que esse enunciado seja compreendido pelo interlocutor. Mesmo assim, os sujeitos possuem ideologias diferentes e são influenciados pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos históricos e de diferentes lugares sociais, e com isso um determinado discurso pode gerar diferentes sentidos em diferentes sujeitos. Dessa forma, nossos enunciados “... são preenchidos com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros

carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reatualizamos.” (Bakhtin, 1986, p. 89).

Antes de tudo, necessário é que fique claro que será abordada a AD francesa e não a estadunidense, por exemplo.

Gabler (2001, p. 23-24) nos explica que:

A Análise de Discurso Francesa, segundo Maingueneau (1987) surgiu na década de sessenta, em uma conjuntura intelectual marcada pela conjugação entre filosofia e prática política. Seus principais estudiosos reuniam reflexões sobre o texto e a história, resultando daí uma análise textual que envolvia a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (Saussure, Marx e Freud). Essa tendência é influenciada fortemente pelos conceitos de ideologia de Althusser (especialmente sua teoria dos Aparelhos Ideológicos do Estado), pelas ideias de Foucault (especialmente as expostas em Arqueologia do Saber) e por Lacan. Desses autores, a AD se aproveita para formular uma teoria não subjetiva do sujeito. (...) Assim, em 1969, aparecem o número 13 da revista *Langages*, intitulado “A análise do discurso” e a obra de Pêcheux (1983) “Análise Automática do Discurso”. Essas duas obras marcam o registro de nascimento da nova disciplina. É inegável que a análise do discurso se alimentou do althusserianismo, mas isto não significa que ela se reduza a ele.

Interessante notar que o discurso é uma exterioridade da língua; mesmo assim precisa desta para existir. Assim, chega-se à conclusão que o discurso é construído, na visão de Pêcheux (1999), sobre um discurso pré-constituído, um “já-lá”. Dessa forma, tal discurso já pré-constituído remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva.

A AD é provavelmente a disciplina da moda, talvez porque seja a disciplina que mais se ‘arriscou’ na produção de novos objetos.

Afirma Gabler (2001, p. 9) que:

Seus instrumentos de trabalho foram transpostos, e modificados, especialmente da filosofia, da sociologia, da psicanálise, mas também da história cultural. E com os riscos assumidos de pensar com rigor mas sem rigidez, a disciplina optou pela interpretação, no dilema entre uma ciência galileana de certezas e uma ciência interpretativa que opera com indícios.

Sabe-se que a linguística é a relação entre língua e pensamento e que a língua é um fenômeno social. E é neste entremeio que surge a AD, a qual tem sua base no materialismo. Corroborando tal afirmativa, Althusser (1983) diz que “as ideologias são um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de trabalho”.

Para Maingueneau, o discurso é “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (1987). Já Foucault determina que “chamaremos discurso um conjunto de enunciados na medida em que se apoia na mesma formação discursiva... ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (2005).

Como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar o que está entre a língua e a fala (FERNANDES, 2005, p. 24).

Para Pêcheux (1999), o “sujeito não é o ponto de partida; ele é o resultado de um processo”. Por isso, o “analista de um discurso” tem que saber lidar com as diferenças. Tal indivíduo tem que estar ciente do porquê que ele é daquele jeito e tem que estar confortável consigo mesmo. É essencial também dizer que ele deve se despir de suas convicções, valores e filosofias para saber lidar com o outro, que é diferente dele, visto que o discurso é uma particularidade; está entre o universal e o individual.

Portanto, a AD sustenta que “não se trata de comunicar - de informar - mas de interagir a partir dos lugares, institucionais e/ou ideológicos, que os interlocutores ocupam” (GABLER, 2001, p. 11).

Assim, “a convivência com a diversidade de perspectiva de análise é muito produtiva, pois nos instiga a questionar as “verdades” e a buscar os caminhos”, segundo MARQUES (2001, p. 16). Em apertada síntese, é esse o papel da AD.

Conclui-se que, perante os desafios encontrados na educação brasileira faz-se necessário sair dos lugares e sentidos comuns e nos embasarmos teoricamente para fazermos discussões mais intelectualizadas e menos escandalizadas apenas em bases empíricas. Se quisermos efetivamente buscar soluções para a educação brasileira deveremos nos despojar de sentimentalismos, tão presentes no caráter brasileiro, e estudar caminhos eficientes e eficazes (CAPPERUCCI, 2017).

4. A EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO CAMPUS PORTO VELHO CALAMA)

Os Institutos Federais fazem parte de políticas públicas para as regiões em que foram construídos Oliveira e Amaral (p. 02, 2012) afirma que: “ [...] nesse sentido, as Bibliotecas dos campi dos IF atuam como agentes fundamentais na concretização da missão dos IF, fomentando ensino, pesquisa e extensão, necessitando adequar-se a essa realidade [...]”. No estado de Rondônia o IFRO é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), e foi “criado através da Lei No. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que reorganizou a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica [...]” (IFRO, 2015). Ademais:

Os IF estão distribuídos por todo o território brasileiro, funcionam em estrutura *multicampi* e oferecem cursos de educação básica, profissional e de educação superior (BRASIL, 2008b), tendo basicamente 50% de suas vagas destinadas a cursos técnicos e 20% destinadas a cursos superiores (de tecnologia, licenciatura, bacharelado, pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*). Os cursos oferecidos pelos campi procuram adaptar-se às necessidades profissionais, sociais e culturais das regiões onde estão inseridos. (OLIVEIRA; AMARAL, p. 02, 2012).

Nas observações realizadas no instituto ficou evidente que os eixos norteadores do IFRO, que são o Ensino, a Pesquisa e a Extensão devem sempre estar entrelaçados para oferecer a melhor formação/educação possível.

Territorialmente, o Instituto Federal de Rondônia está presente em vários municípios do estado, ofertando Educação presencial em 08 (oito) *campus* presenciais e Educação à Distância, sendo o Campus mais recente o da cidade de Guajará-mirim, inaugurado dia 27 de julho de 2015. Além dos 25 pólos já atendidos, o IFRO formalizou termo de cooperação com o Governo do Estado para o atendimento de mais 176 polos de EaD.

Por conseguinte, nos deparamos com o seguinte problema: o que tem contribuído para o aumento do índice da evasão escolar no IFRO *Campus Calama*?

Em dezembro de 2016, o reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Uberlando Tiburtino Leite, fez a adesão da instituição ao Movimento Rondônia pela Educação, uma iniciativa com seis metas prioritárias para serem desencadeadas em ações que serão definidas em um plano de trabalho e se estende até 2018. Coordenado pela Federação das Indústrias do Estado de Rondônia (Fiero) o movimento previu a realização de ações conjuntas e troca de experiência com vistas à melhoria do ensino no Estado.

De acordo com a coordenadora estadual do RO pela Educação, Raquel Volpato Serbino, o objetivo era um trabalho conjunto, e nas palavras dela, “nosso movimento é para articular instituições, para que uma impulse a outra”.

Foram traçadas algumas metas como:

Zerar o analfabetismo entre os trabalhadores de Rondônia, além de integrar escola, família e sociedade para melhorar a educação; implantar projeto de formação para gestores escolares; reduzir 80% da evasão escolar identificada no Estado; promover experiências que diminuam ou erradiquem a evasão escolar e promover 70% de escolaridade básica completa dos trabalhadores da indústria.

A partir das adesões de novas instituições, o Movimento expandiu a última meta para além dos trabalhadores da indústria. Ao explicar sobre o funcionamento do Instituto Federal, Uberlando Tiburtino mostrou que há no quadro

aproximadamente 530 docentes, destes 60% são mestres e doutores, e o número de estudantes ultrapassa 13 mil, nove *campi*, 25 polos de educação a distância e outros 176 polos funcionando em parceria com a Secretaria de Estado de Educação, atendendo aos municípios rondonienses, no ano de 2016. O reitor ainda enfatizou os investimentos feitos em relação a pessoal, na formação de professores e em infraestrutura nos sete anos do Instituto. Um dos exemplos dados foi a reformulação no projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Física, ofertada pelo *Campus* Porto Velho Calama, para que seja mais voltado à docência e buscando aumentar o número de permanência exitosa. Com isso, apresentou o Painel de Indicadores, ferramenta que traz um balanço do Instituto.

A evasão escolar tem sido uma problemática de constante discussão entre os profissionais que trabalham com educação, isso porque o custo de se manter um aluno na escola e este não terminar os estudos é muito alto. A evasão representa a interrupção da participação das crianças do sistema formal de ensino, esta interrupção muitas vezes pode estar associada a diversos fatores. O tema sobre evasão escolar é tratado de forma tão séria, que o responsável por uma criança evadida pode responder por “processo de abandono intelectual” (CALDAS, 2000).

De acordo com Rocha:

A evasão, pelo senso comum, se relaciona com os fatores que levam o estudante a não permanecer nos estudos. É, portanto, uma questão relacionada à democratização da escola técnica no país, sendo vista, ainda, como uma questão de exclusão, o que é mais um elemento para evidenciar a relevância da investigação deste tema, desenvolvendo estudos sobre os processos de evasão escolar, de modo a propor medidas preventivas que contribuam para a permanência do aluno na escola e para a sua formação (ROCHA, 2011, p.21).

Assim, a evasão vem preocupando os Institutos Federais e seus representantes, ao perceberem a baixa motivação dos alunos para estudar e/ou dificuldades frequentes de aprendizagem. Os esforços desempenhados pela Direção Geral do *Campus* Calama, na pessoa do diretor geral, equipe pedagógica e professores para conseguir a frequência e aprovação dos alunos não asseguram a

permanência deles na escola; infelizmente muitos alunos desistem por motivos muitas vezes totalmente desconhecidos.

5. Considerações Finais

Apesar da breve explanação sobre o assunto abordado, é de conhecimento geral que muitas são as causas que levam o adolescente/jovem a evadir-se do meio escolar. As desigualdades sociais, distribuição de renda e deficiências no sistema educacional, são alguns dos motivos que levam o aluno evadido a deixar a escola para, então, poder trabalhar e ajudar no sustento familiar.

Diante do tema apresentados neste breve artigo, vemos a necessidade de aprofundar os estudos sobre a evasão escolar como espaço de ensino, e de sua importância para a formação de capital cultural nos estudantes. Deve-se atentar para o ensino técnico com respeito, com foco nas diferentes peculiaridades de cada espaço de formação de aprendizagem. Finalmente, é necessário buscar entender que todos os setores da escola são importantes e que os mesmos devem ser incentivados e valorizados.

6. Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação - Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1983.

BAKHTIM, M. Gêneros do Discurso. In **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Fontes, 1992.

CALDAS, E.L. **Combatendo a Evasão Escolar**. São Paulo: Instituto Polis, Dicas Nº 172, 2000. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/publicacoes/download/arquivos/Dicas172.pdf>>. Acesso em 03 mar 2018.

CAPPERUCCI, Simone Aparecida de Sousa. **Análise do discurso e educação brasileira: assujeitamento ou mascaramento dos sujeitos nas relações de poder**. Disponível em: <<https://diariodecaratinga.com.br/?p=41796>>. Acesso em 20 mar 2018.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo et al. **Noções Introdutórias sobre a análise do discurso**. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introdutorias-analise-do-discurso-fundamentos.html>>. Acesso em 5 ago 2016.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. ed. 5°. São Paulo: Loyola, 1996. _____ **A arqueologia do Saber**. ed.7°. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GABLER, Iracema *et al.* **Análise do Discurso: uma leitura e três enfoques** – Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

IFRO. **Institucional**. Porto Velho, 2015. Disponível em: <<http://portal.ifro.edu.br/sobre-o-ifro>>. Acesso em: 03 mar 2018.

_____. **Regimento Geral do IFRO**. Porto Velho, 2011. Disponível em: <<http://www.ifro.edu.br/site/wp-content/uploads/2009/04/Regimento-Geral.pdf>>. Acesso em: 24 mar 2018.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

MARQUES, Maria Celeste Said S. **Panfletos: uma leitura sob o olhar de Bakhtin e de De Certeau**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

MEC. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf>. Acesso em: 23 mar 2018.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.

MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis
PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des)construção das teorias linguística (p. 07-31). In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas: Pontes, 1999.

ROCHA, Wellington Moreira da. **Educação de jovens e adultos e a evasão escolar: o caso do Instituto Federal do Ceará Campus de Fortaleza**. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3039/1/2011_Dis_WMRocha.pdf>. Acesso em 4 mar 2018.